



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a
cerimônia de inauguração da unidade industrial da Braskem**

Paulínia-SP, 25 de abril de 2008

Senhor governador do estado de São Paulo, companheiro José Serra,
Companheiro Edison Lobão, ministro de Minas e Energia,
Senhora deputada Aline Corrêa,
Deputados federais Michel Temer e Doutor Ubiali,
Senhor José Carlos, presidente da Braskem,
José Sérgio, presidente da Petrobras,
Companheiros e companheiras deputados estaduais,
Meu caro Edson Moura, prefeito de Paulínia,
Prefeitos e prefeitas da região,
Senhor Pedro Novis, presidente do Conselho de Administração da
Braskem,
Senhor Emílio Odebrecht, presidente do Conselho da Odebrecht,
Senhor Itamar Sanches, coordenador-geral do Sindicato dos Petroleiros,
Companheiros e companheiras trabalhadores da Braskem,
Senhores e senhoras empresários,
Meus amigos da imprensa,
Companheiros e companheiras,
Direção da Petrobras,
Direção da Braskem,

Esta inauguração é mais um passo importante na estratégia de crescimento do Brasil e na reorganização da indústria petroquímica brasileira. O setor está prestes a atingir o estágio já alcançado por outros ramos da indústria nacional, ou seja, a consolidação.



Desde os anos 60, o Brasil tenta estruturar a indústria petroquímica para que o setor atinja toda a sua potencialidade e avance na competição internacional. Foram dados passos importantes. Dentre eles, a criação da Petroquisa, em 1967, que impulsionou a indústria e levou o Brasil a deixar de ser apenas importador para se tornar também exportador de produtos petroquímicos já na década de 1980.

Mas ocorreram equívocos na década seguinte. O programa de privatização do setor petroquímico, com a alienação de parte das participações da Petroquisa em empresas controladas e coligadas fez com que a Petrobras se recolhesse e cessassem os investimentos significativos no setor. Conseqüentemente, a indústria brasileira não se desenvolveu como poderia e deveria, apesar dos esforços do empresariado.

Com a pulverização do setor em vários grupos de pequeno porte, o País perdeu em competitividade para disputar um espaço de fornecimento de produtos petroquímicos, interna e externamente. A situação começou a mudar quando a Petrobras decidiu voltar ao setor de forma ativa, com forte apoio do governo. Desta vez, não apenas como fornecedora de insumos, mas com participação decisiva na definição dos rumos do segmento no País.

A Petrobras promoveu rearranjos acionários que levaram o setor a ganhar escala para gerar sinergias e obter poder de investimento, viabilizando projetos, como esta fábrica de polipropileno.

Esse processo faz com que, em termos de bens intermediários – um produto crucial para o desenvolvimento sustentável do País, nos próximos anos – a indústria petroquímica nacional agregue muito mais valor na cadeia do petróleo. Com a reestruturação, nós teremos uma indústria com fortes condições de crescer, de atender à demanda brasileira e de competir no exterior.

O crescimento do parque petroquímico brasileiro garante mais valor ao petróleo produzido no Brasil e fortalece os clientes internos para a produção de



suas refinarias. Em vez de vender o petróleo cru, que tem baixo valor no mercado externo, vamos vender resinas plásticas. Imagina, se o petróleo tem baixo valor no mercado externo, imagina o que tem alto valor? Deve ser água de coco, então, que tem alto valor no mercado externo.

Nós temos, hoje, uma janela de oportunidades que está sendo aproveitada e não desperdiçada, como ocorreu em outros tempos no Brasil. O esforço que a Petrobras vem implementando, desde a criação do Programa de Mobilização da Indústria Nacional de Petróleo e Gás Natural, o Prominp, em 2003, tem sido enorme.

Com isso, a empresa criou um ambiente econômico altamente propício para que toda a cadeia produtiva de combustíveis possa atender plenamente ao mercado nacional e, também, alçar vãos maiores no mercado externo. O produto que vocês fabricarão aqui, como se sabe o polipropileno, vem sendo cada vez mais procurado. A elevação da demanda no ano passado foi de 10% e a tendência é que cresça ainda mais, da indústria automobilística ao agronegócio, a aplicação dessa resina se universaliza. O governo tem plena consciência da importância dessa planta industrial, por isso, quando lancei a pedra fundamental, em fevereiro de 2007, afirmei que gostaria de inaugurar um ano depois. E, felizmente, estamos aqui hoje festejando os resultados obtidos com a inclusão desta obra no contexto do PAC.

O BNDES liberou um financiamento de 566 milhões de reais, o equivalente a 62,8% do orçamento do projeto. Geramos aqui mais de mil empregos para trabalhadores na construção civil e de outros serviços e serão criados, aproximadamente, 120, 150 postos de trabalho e outros mil ou mil e quinhentos indiretos na região, com a entrada em operação desta empresa.

Vou ressaltar alguns aspectos importantes deste empreendimento. A tecnologia que será utilizada na produção foi desenvolvida pela própria Braskem com o objetivo de gerar impacto ambiental mínimo. Além disso, todos os edifícios da indústria foram projetados segundo o conceito de



sustentabilidade. A Braskem também – preste atenção nisso – se comprometeu a investir 7 milhões de reais em projetos sociais e ambientais na região de Paulínia, a doar à Cetesb equipamentos para monitoramento da qualidade do ar e do regime de água da região e a criar um parque de convivência para a população da cidade. Registrado, Emílio, agora é só o prefeito cobrar. Por isso, a Replan e a Revap produzirão não apenas matéria-prima de plástico para a Petroquímica Paulínia, produzirão também maior prosperidade e crescimento econômico para toda a região.

Estamos em festa, soubemos superar as adversidades com muito esforço e muita negociação e comemoramos não apenas a inauguração desta fábrica, mas a consolidação de um período da história deste País, em que o diálogo e a negociação substituíram a criminalização e a repressão pura e simples aos movimentos sociais.

Meu caro governador, José Serra,

Meu caro Emílio Odebrecht,

Meus companheiros e companheiras da Braskem,

Eu quero dizer para vocês que o hábito muda... o traje que uma pessoa usa muda a fisionomia da pessoa. A gente vê aqui Braskem e Petrobras, todos simpáticos, se abraçando, se beijando, você não sabe, Serra, a quantidade de brigas que eu tive... Já começaram a produzir ali, rapidamente... Espero que todo o sistema de segurança funcione bem agora, que a sala de controle funcione maravilhosamente bem... Eu acho, Emílio, que o ar estava preparado só para o meu discurso por escrito, não estava prevendo improviso aí, montaram um esquema de disparar. Mas, veja, o que eu vou dizer aqui é uma coisa que me orgulha profundamente. Primeiro, porque o setor petroquímico brasileiro finalmente se reestruturou. E essa reestruturação do setor petroquímico vai permitir que o Brasil possa se transformar em um país de grande importância no setor petroquímico.

Ao mesmo tempo, nós vivemos momentos difíceis. Eu dizia, aqui, que a



gente vê hoje todo mundo sorrindo e se elogiando, mas no começo do governo, Serra, o que a Braskem falava mal da Petrobras, o que a Petrobras falava mal da Braskem, o que a Suzano falava mal das duas... A verdade é que o setor não se entendia, e havia a desconfiança concreta se nós queríamos ou não nos transformar em uma nação com uma forte indústria, no setor petroquímico.

E eu acho que o último ano foi um ano primoroso para o setor. Acho que a Petrobras deixou de ser aquele caramujo sem o molusco, porque o caramujo sem o molusco é aquela coisa grande e importante, mas que não se mexia. E a Petrobras começou a se mexer, porque começou a descobrir que sem ela o setor não teria chance de crescer neste País. E a Petrobras cumpriu com a obrigação que ela tem que ter com o Brasil: de ser não apenas a indústria mais bonita do País, a indústria brasileira mais conhecida no mundo, a indústria brasileira que mais tem venda nas ações, mas de ser a indústria brasileira indutora do desenvolvimento de vários setores industriais neste País.

E eu quero te dar os parabéns, meu caro José Sérgio Gabrielli, e à diretoria da Petrobras. É bem verdade que tivemos brigas homéricas com a Petrobras. Brigas homéricas. Se eu não fosse companheiro do José Sérgio Gabrielli, eu diria: o governo teve que impor determinadas coisas. Mas entre companheiros, a gente não impõe, a gente discute e convence. E a Petrobras se convenceu que a grandeza dela não pode ser a grandeza de um caramujo sem o molusco, ela tem que colocar a cara para fora para disputar internamente, não para disputar espaço com a iniciativa privada, para disputar a idéia de fazer as parcerias necessárias, para disputar com empresas estrangeiras, para disputar no mercado estrangeiro e para fazer os investimentos onde tiver oportunidade de a Petrobras fazer.

Essa é uma mudança muito importante na Petrobras, meu caro petroleiro. A Petrobras está deixando de ser uma empresa com uma ótica eminentemente corporativista de que era só dos petroleiros, para ser uma empresa do povo brasileiro, uma empresa multinacional, de importância



excepcional. É esse o papel que a Petrobras tem que ter. E ainda sabe que eu tenho um pouco de divergência porque não estou contente com a participação da Petrobras no continente africano. E é importante lembrar à Petrobras que aquilo que a gente não fizer, outros farão.

Então, temos que aproveitar a nossa competência tecnológica, o nosso conhecimento, a nossa expertise, para que a gente dispute cada milímetro quadrado do Oceano Atlântico, ou cada metro cúbico de água do Oceano Atlântico. Nós não temos que ter medo.

A segunda coisa que eu considero importante nesse momento, e queria repetir um pouco o que eu já disse lá em Campinas, é pedir o apoio dos empresários brasileiros. Certamente o governador José Serra pensa igual a mim, os deputados. É que o Brasil está ganhando muita importância no mundo. Quem viajar o mundo, hoje, vai perceber que a admiração pelo Brasil não é apenas mais pelo carnaval ou pelo futebol, de que a admiração que se tem pelo Brasil é pela seriedade com que nós estamos – empresários, trabalhadores, governo – administrando o futuro deste País.

Mas, sobretudo, é pela demonstração de competitividade e de vantagens comparativas que o nosso País tem se apresentado em vários segmentos produtivos do mundo. Sobretudo quando o Brasil deixa de ser aquele artista coadjuvante e passa a ser quase que um artista principal, no cenário da economia mundial. Não porque sejamos já uma economia consolidada, mas porque temos uma participação política muito definida, porque temos lado e porque temos estratégia de integração internacional.

O papel que o Brasil exerce, na Organização Mundial do Comércio, poderia ser exercido pelos Estados Unidos, poderia ser exercido pela China. Mas não é. É exercido pelo Brasil, porque nós temos uma estratégia de mudar a política comercial no mundo. E a mudança na política comercial no mundo passa pelos países ricos reconhecerem que, ou eles mudam a sua política de subsídios internos, na área da agricultura, para permitir que os países em



desenvolvimento tenham condições de produzir e vender o produto no mercado deles, ou nós vamos ter, durante o século XXI, uma repercussão do século XX: os países que eram ricos continuarão ricos, e os países que eram pobres continuarão pobres.

E por isso estamos atuando na Organização Mundial do Comércio para concretizar a Rodada de Doha. Eles querem que a gente flexibilize na política industrial e no setor de serviços. E nós estamos dispostos a flexibilizar, desde que essa flexibilização não signifique a gente matar o potencial de industrialização que nós temos e, muito menos, matar o potencial de países latino-americanos que começaram, depois de 20 ou 30 anos de atrofiamento da economia, a se desenvolverem e a crescerem. Nós não poderemos estancar isso em favor dos países ricos, mas eles podem flexibilizar nos preços agrícolas para que países, não o Brasil, que é competitivo com eles, mas para que países como africanos tenham chance de produzir um pouco mais e vender para eles.

Nesta discussão toda, aconteceram duas novidades importantes. Primeiro, o Brasil apresenta ao mundo a possibilidade de uma nova matriz energética na área de combustível que atende a todos os requisitos do Protocolo de Quioto. Nós estamos esperando há 50 anos alguém inventar o carro a hidrogênio, não conseguiram inventar. Há 30 anos, a gente detém a tecnologia da produção do álcool e ela está consolidada com a produção do carro flex fuel no Brasil, em que 100% dos carros vendidos no mercado interno são carros que podem andar com 100% de álcool, 100% de gasolina ou com a mistura que eles bem entenderem. Qual é a vantagem? A vantagem é que nós estamos dizendo ao mundo desenvolvido: nós temos um combustível que, em primeiro lugar, gera muitos empregos, em segundo lugar, quando a planta está nascendo, seqüestra o carbono que a indústria dos países ricos e a gasolina deles jogam no ar e, ao mesmo tempo, não emite a quantidade de CO₂ que os carros deles emitem. A União Européia, há três meses, aprovou que, até 2020,



eles vão ter que fazer uma mistura de 10% do álcool na gasolina. E aí começa a competitividade. No primeiro momento, o etanol brasileiro era uma coisa muito charmosa. No segundo momento, os Estados Unidos, um pouco que atropela, inventando de produzir etanol do milho, criando uma outra discussão no mundo, que é a substituição da produção de alimentos pela produção de combustíveis. E, obviamente que, em sã consciência, não é recomendável, do ponto de vista econômico e do ponto de vista de segurança alimentar, sobretudo se a gente pensar também na ração animal, não é recomendável produzir álcool de milho. Ainda mais, governador, quando esse milho é subsidiado. Ora, seria muito mais lógico que os Estados Unidos fizessem parcerias com países da América Central e do Caribe e que eles pudessem produzir uma parte do etanol que os Estados Unidos precisam. Da mesma forma que seria melhor que a União Européia fizesse até parceria com o Brasil para a gente produzir etanol em terceiros países, sobretudo no continente africano. Quando parecia que as coisas estavam andando mais ou menos certas, aparece a idéia, que eu chamaria de falácia, de tentar dizer que a produção de biocombustível é a responsável pelo aumento dos alimentos que está acontecendo no mundo inteiro.

Vocês sabem, e é importante dizer, que há o início de inflação que vai do Chile à China e um dos setores que está causando inflação é um pouco o do alimento, alimento que está um pouco escasso no mercado. O que está acontecendo, de verdade? O que está acontecendo de verdade não é que o biodiesel aumentou o preço do alimento. Porque o Brasil, que produz mais biocombustíveis, é o país que mais produz alimento, é o que mais produz grãos. Então, não tem esse problema.

O problema é que as pessoas não querem discutir algumas coisas que estão no ar. Por exemplo, meu caro Gabrielli, quanto implica no custo do alimento, o fato de o petróleo ter saído de 30 dólares o barril para 120 dólares o barril. Segundo, quanto implica, no custo do alimento – sobretudo na área de



insumos, fertilizantes – o preço do petróleo hoje.

Ora, ao mesmo tempo em que o petróleo teve esse aumento absurdo, nenhum país importador de petróleo coloca sobretaxa, tarifa, sobre a importação. Mas sobre o etanol brasileiro, eles impõem. Sobre o etanol brasileiro, cada litro que a gente exporta, eles metem uma tarifa para tornar o nosso etanol mais caro, para eles justificarem não comprarem.

O que nós estamos dizendo para eles? A nossa experiência de etanol já evitou jogar no ar 644 milhões de toneladas de CO₂ nesses últimos 30 anos. O plantio de cana seqüestra carbono quando a cana está crescendo, e evita jogar no ar o CO₂ quando nós utilizamos o álcool como combustível.

Ora, essa briga é uma briga comercial. É uma briga de alguém que não se conforma de o Brasil virar o maior exportador de carne do mundo, o maior exportador de café, o maior exportador de suco de laranja, o maior exportador de minério de ferro, o maior exportador de tantas outras coisas. Já não é mais o país do carnaval, ou o país do samba. Ainda gostamos de samba e de carnaval. Mas também já é o terceiro exportador de avião do mundo, é um dos maiores exportadores de telefone. Essa semana, nós chegamos a 126 milhões de telefones celulares neste País.

E isso tudo começa a incomodar países que tinham hegemonia. Começa a incomodar muito mais quando a Embrapa começa a montar escritório na América Latina, e começa a montar escritório na África. Porque nós queremos ajudar tanto a África quanto a América Latina a ter a mesma performance que o Brasil tem na chamada “agricultura tropical”, agricultura essa em que o Brasil é invencível.

Eles vão ter que aprender que esse debate falso de dizer que a inflação é por conta do etanol vai ficar muito mais difícil, Emílio, quando você anunciar que daqui a uns dias os carros estarão sendo fabricados com um material de plástico, que hoje é subproduto do petróleo, subproduto da cana. Eu terei um prazer de viajar para os Estados Unidos ou para a Europa com o primeiro



“carro verde”, cheirando a cachaça – não vai cheirar a cachaça não, vai? Porque é capaz de eles começarem a lamber o nosso carro lá fora. Eu terei imenso prazer em chegar em um país com o nosso primeiro “carro verde”, com plástico produzido do álcool, para eles perceberem que o etanol veio para ficar.

Eu estou dizendo isso, Serra, porque nós vamos precisar que os empresários brasileiros, os políticos brasileiros e a imprensa brasileira comprem essa briga. Essa briga não é uma briga pequena, não. É uma briga grande. É uma briga... A gente não pode permitir, e não queremos, que quem tiver a sua agricultura ajeitada desmonte a sua agricultura.

Eu acho que todos nós seríamos chamados de insanos se a gente não tivesse terra e falássemos: “Olha, a gente não quer produzir alimentos. Vamos produzir álcool, álcool e mais álcool. Vamos produzir biodiesel e biodiesel”. Ora, Deus fez do ser humano seu único animal racional que passou pela terra. E por sermos racionais, nós sabemos que o primeiro tanque que a gente tem que encher é o nosso próprio “tanque”, porque se o nosso “tanque” estiver vazio, a gente não tem nem força para brecar o carro, a gente não tem nem força para acelerar. Então, imaginar que a gente vai trocar a produção de alimentos por álcool é uma decisão medíocre, pobre de espírito e, eu diria, vergonhosa, para quem não sabe fazer uma briga comercial ou uma briga tecnológica no nível que ela precisa ser feita.

Vocês sabem que eu tenho pautado a minha vida na Presidência da República por respeitar a relação internacional. Eu trato bem do Chile à China, do Japão ao Paraguai, nunca faltei com respeito à soberania de nenhum país, nunca destratei nenhum presidente da república, porque a relação de Estado permite que a gente seja muito civilizado. Entretanto, nós não ficaremos quietos se continuar as mentiras deslavadas sobre o etanol brasileiro ou sobre o biodiesel brasileiro. Não é uma briga do presidente da República. Nós não podemos aceitar que eles digam que a cana-de-açúcar tem trabalho escravo. Pode ter empresários que não pagam corretamente. E nós vivemos um drama:



quando queremos mecanizar a agricultura da cana, os sindicatos são contra, porque vai gerar desemprego. Mas isso, nós resolveremos aqui dentro. A pergunta que eu faço é a seguinte: os trabalhadores no corte de cana sofrem, hoje, menos do que sofriam os trabalhadores na mina de carvão, no século XIX, na Inglaterra? Não. Certamente o corte de cana é infinitamente melhor do que trabalhar na mina de carvão e foi assim que eles se industrializaram. Aí, dizem: “Ah, vai invadir a Amazônia”. Qual é o conhecimento que eles têm para dizer que a gente vai ocupar a Amazônia? Eles não têm nem noção do que é a Amazônia. Se eles gostassem tanto de árvores em pé, eles não teriam desmatado o seu continente no século XX, eles não teriam feito o que fizeram e não estariam emitindo tanto CO2. Nós queremos preservar a Amazônia, mas é importante que eles saibam que não tem hoje nenhum país no mundo que tenha as condições de terra, de sol e de água para produzir produtos agrícolas e para produzir biocombustíveis. São 400 milhões de hectares fora da Amazônia de terras agricultáveis. Desses, apenas 1% planta cana-de-açúcar.

Então, meu caro Emílio, a Braskem que vai produzir o plástico verde aí, com sabor 51, com sabor Velho Barreiro ou com sabor sei lá o que é, nós precisamos comprar essa briga enquanto nação brasileira e obrigá-los a dizerem qual é a verdadeira razão pelo aumento do alimento em alguns países do mundo. Seria mais fácil serem honestos e dizerem: Está faltando alimentos porque os subsídios na Europa não incentivam os africanos a produzirem. Está faltando na Europa ou está faltando no mundo, porque os Estados Unidos deveriam incentivar os países da América Central a produzirem. Não é nem por isso: está aumentando o alimento porque tem mais chinês comendo, porque tem mais indiano comendo, porque têm mais africanos comendo e porque tem mais gente no Brasil comendo, porque tem mais gente no Nordeste comendo. E essa é uma causa boa. Se está faltando alimentos porque aumentou o consumo... E Deus queira que o povo queira cada vez comer mais, porque só tem uma solução: é a gente plantar mais. E nós sabemos que plantar mais é



uma coisa que o Brasil sabe fazer, tem disposição e tem sol, terra, água e tecnologia como nenhum outro país.

Eu tenho lido a imprensa internacional, Serra, tenho acompanhado viagens de empresários e o que eles tentam fazer com o Brasil é achar que a gente ainda é aquele paizinho tacinho, em que um gringo falava grosso e a gente baixava a cabeça. Eles não compreendem o seguinte: este País tem auto-estima, este País tem soberania e este País não quer pedir licença para crescer, este País tem o direito de crescer, este País tem o direito de utilizar a sua inteligência para se transformar em uma grande nação.

O Serra certamente tem a mesma idade que a minha, metade do século passado a gente passou acreditando que era a vez do Brasil, é agora. Depois, inventaram que o Brasil ia ser o celeiro do mundo. Nem chegou a nossa vez e nem nós viramos o celeiro do mundo. Pois bem, outra vez eu poderia dizer para vocês: a chance é agora de o Brasil se industrializar, de o Brasil se transformar em uma economia forte e de o Brasil se transformar em um dos maiores exportadores de alimentos do mundo sem abdicar da produção de combustível renovável, limpo, gerador de empregos e gerador de riquezas. É uma briga, companheiros e companheiras, que para dar uma resposta para eles nós vamos ter que participar de fóruns internacionais cada vez mais.

Em novembro, Serra, estaremos convidando, em São Paulo, uma conferência internacional sobre biocombustíveis. Queremos trazer governantes, queremos trazer ONGs, queremos trazer todos aqueles que ousam falar insanidades contra o Brasil e contra a produção de alimentos.

E, para terminar, eu quero dizer para todos vocês que essa é uma briga extremamente importante para nós. O mundo vai precisar utilizar etanol e eles não têm muita escolha. Na Alemanha, ou produzem etanol de beterraba, que é muito mais caro, ou compram o etanol do Brasil, da cana-de-açúcar, que é muito mais barato. Nos Estados Unidos, ou compram do Terceiro Mundo o etanol da cana, ou vai encarecer a tortilla, lá no nosso querido México e



América Central. Esse é um debate que não tem nada de ideológico, é um debate eminentemente comercial, é um debate de ocupação de espaço na geografia comercial do mundo. Eu queria pedir a compreensão de vocês para que se nós fraquejarmos... e nós também temos que medir as nossas palavras, porque cada bobagem que a gente fala no Brasil, hoje, é logo, logo veiculada pela Internet ou pela imprensa nos países europeus. E quando a gente fala que está tendo muita queimadas no Brasil, quando a gente fala que tem não sei o quê no Brasil, eles esfregam na cara da gente, lá fora, o que nós mesmos falamos de nós.

Então, Serra, você que é governador de um estado que é o carro-chefe na produção de etanol, que é o carro-chefe na produção de carros flex-fuel e sabe que parte da riqueza de São Paulo se deve à indústria do álcool e do açúcar, tem defeito, sim, mas tem muitas virtudes. Os defeitos, a gente vai ter que consertar e as virtudes, nós vamos ter que aproveitar e o mundo não vai prescindir do etanol e o Brasil vai cada vez produzir mais, melhor e produzir muito mais por hectare do que a gente produzia há alguns anos. Eu espero que essa guerra não aconteça, mas se eles quiserem fazer a guerra tecnológica, fazer a guerra verbal, fazer a guerra ambiental, é importante eles saberem que faz muito tempo que o Brasil não quer participar de guerra, mas o Brasil dessa, certamente, nem fugirá e, tenho certeza, vencerá essa luta porque nós estamos com razão. Eu espero que os empresários assumam essa bandeira. Espero que a imprensa brasileira preste atenção no que está acontecendo no mundo, porque eu tenho certeza que o etanol e o biodiesel significam uma vantagem comparativa do Brasil neste mundo globalizado.

Um abraço e muito obrigado.

(\$211A)